

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUÊZ

Vol. III

Domingo 11 de Janeiro de 1857

N. 20

LITTERATURA.

Paginas intimas

XIX

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO.

XVIII

No seguinte anno houve nova eleição de Consules. Quinto Fabio Maximo Serviliano, em quem recahio um destes cargos, veio á Hespanha acompanhado d'um formidavel exercito, no intuito de debellar essa *hydra de Lerna* representada na pessoa do famoso Lusitano. Contando pouco com a gente que trazia, pois que de tantos exercitos mandados para assegurar a inteira e pacifica posse da Lusitania, nenhum ainda conseguira destruir esse espirito guerreiro que tornava tão notaveis a seus habitantes, pediu o auxilio de Micipsa, rei de Africa, o qual lhe mandou muitos soldados de cavallaria de seus Numidas, e alguns elephantes. Os Romanos acamparão perto de Utica. Viriato não os deixava um momento em descanso. Perseguidos todas as noites por violentos e bem combinados ataques daquelle, virão-se forçados a juntarem-se ao grosso do exercito que estava a pouca distancia, e a cuja frente se achava o Consul. Estas escaramuças porém não davão um resultado real.

Viriato, falto de mantimentos e de armas, ia pouco a pouco ganhando terreno além de campo, e pode subtrahir-se aos inconvenientes de um ataque geral em que necessariamente teria de ficar vencido, porque como dissemos já os seus recursos erão por de mais exiguos. Entretanto algumas

companhias de Lusitanos introduzião-se em Andaluza onde causávão enormissimos males. Serviliano correu em auxilio dos seus aliados, e dias depois foi industriosamente roubado por alguns aventureiros daquelles. Concebe-se facilmente o quanto este *expediente* influio no espirito de Serviliano. Prometteu tirar uma vingança espantosa, e com effeito teve a crueldade de mandar decepar a cabeça de 500 Lusitanos dos presidios de Viriato. Este procurava os elementos de uma defeza heroica. Sciende do barbaro acto praticado pelo Consul apressou-se a vir em soccorro de seus companheiros de armas, promettendo pela sua parte castigar a infamia do inimigo. Serviliano, que esperava ha muitos dias pela presença do capitão Lusitano, sahio-lhe ao encontro, e ambos se dispozerão para o combate. Os elephantos enviados por Micipsa fazião parte do exercito do primeiro.

Os Lusitanos sorpresos pelos novos combatentes que lhe oppunhão, deixarão dominar-se de um desanimo pouco natural nelles, e é certo que a sua cavallaria, desordenada ia abandonar o campo. Os Romanos contavão já, como era de costume, com uma brilhante victoria, mas ignoravão que em quanto Viriato existisse jámais os Lusitanos darião uma prova se quer de cobardia. Era nestes momentos criticos que o famoso capitão patenteava uma energia e sangue frio admiravel. Com aquella entoação de voz que exige prompta obediencia, chama de novo seus soldados ás fileiras; falla-lhes da Patria e da liberdade, e ordena um combate geral.

Os inimigos conhecem em pouco tempo a sorte que os esperava, se continuassem a resistir, e ainda desta vez elles procurarão a fuga atravez das montanhas visinhas. Apiano relatando os pormenores desta batalha avalia os mortos da parte dos Romanos em 3,000, mas Laymundo leva-a ao numero de 5,600. Serviliano, que procurara a vida em uma vergonhosa fugida, andou

por muitos dias errante, pois que ninguem se prestava a acolhel-o.

XAVIER PINTO.

(*Concluir-se-ha.*)

A mulher e o espelho.

*Chora a mulher ri-se a mulher,
A mulher enferma quando ella quer.*

(PROVERBIO.)

A aspiração mais vehemente da mulher foi sempre reinar caprichosa e absoluta. Seu systema muscular menos desenvolvido que o do homem, o doce timbre de sua voz, sua exquisita sensibilidade e a delicadeza de seu organismo, lhe demarcavão na sociedade, um papel muito distincto daquelle, que a natureza assignou ao homem: porém, sentindo em sua alma um desejo invencivel de dominio, ao passo que se sentia fraca por natureza, um dia, chegou-se a uma fonte, a scismar como poderia com sua fraqueza, sujeitar a rudez e vigor de seu companheiro. Apoz cogitações intimas, mas por seu mal inuteis, reclinou-se de cançada sobre as guardas da ponte, e baixou sobre seu limpido cristal amortecidos olhos, em que o desalento se pintava. Aquillo que apenas era o puro reflexo de sua imagem, creu ser alguma belleza sobrenatural, um anjo do céo, e a formosura daquelle rosto, a graça daquelles gestos e a elegancia daquellas fórmas, como que a magnetisavão. A precursora de Narciso enamorava-se sem o saber de sua propria gentileza. Mas veio depois a reflexão rasgar o véo de seu engano, já não havia a menor duvida, todos os arroyos, todas as fontes, todas as substancias susceptiveis de ser polidas, vierão revelar-lhe que aquella elegancia, formosura e graça crão suas, que aquella era a sua imagem. Desde então, cessarão seus olhos de exprimir o desalento; o espelho foi o thermometro da sua força. Quando queria realçar os attractivos de belleza, e imprimir graça e nobreza a seus gestos, ia pedir-lhe as suas inspirações, e graças a seu valioso concurso, attingia sua aspiração de reinar absoluta no coração do homem.

O espelho é a sombra, o *alter ego* da mulher, tal qual o são as pandectas do legista, os classicos do pedagogo, a espada do militar e o covado

do negociante de fazenda. Intimo e discreto confidente, jámais assoalha os defeitos que a mulher a elle só confia e que ao mundo occulta: amigo casto, ainda que testemunhe scenas capazes de resuscitar Anacreonte e galvanisar um solitario da Thebaide, nem se quer lhe pede um beijo: mestre disvelado e paciente, ensina-lhe a imprimir no sorriso a meiguice, nos olhos a languidez e ternura, corrige-lhe sem palmatoria as faltas da natureza iniciando-a nos segredos de enrubecer as faces, nacarar os labios, embranquecer e amaciar a cutis e ebanisar os cabellos.

O espelho é pois o arsenal cheio de aprestos bellicos, com que a mulher leva de vencida a força *impotente* do homem; tirai-lhe o espelho e apeal-a-heis do throno. — Já surprehendestes essa porção da humanidade, que nós estamos acostumados a chamar a melhor e mais bella, em vestes não cuidadas e sem alindes, corar, não de pudor, porque a negligencia de seu vestir não offende a decencia, mas emfim corar e corar de vergonha? é porque a surprehenderão sem ter feito romagem ao seu idolo, é que sem elle não tem confiança em sua belleza, a inquietação a domina, quer impressionar a todo o custo, o lembra-se que não estará bem penteada e que não fará bom effeito, pelo modo por que está vestida.

Ides aos bailes! — reparaí bem e vereis que nunca se interpõe uma quadrilha, uma walsa, uma schottisch, sem que o *toilette* seja visitado pelas *evas* do salão, que ahi concorrem a aprimorar seus adornos, a ensaiar sorrisos, a estudar expressões physionomicas afim de vencer indifferenças, conquistar corações, e produzir effeito, tudo para reinar com imperio, tudo para avassallar o coração e o espirito do homem, aquella por meio dos sentidos, este por meio da admiração! Muitas vezes ao percorrerdes as ruas de qualquer cidade ou povoado, haveis de ter visto a mulher, especialmente a solteira ou viuva, a distender os olhos em todos os sentidos, e apenas vê que na penumbra d'uma esquina assoma um bipede, que envergue calças, desaparece por momentos mas volve ao seu posto, sabeis o que foi fazer? foi consultar o seu calças, foi fazer oração ao espelho.... O' espelho! que condão maravilhoso é o teu, como influes poderosamente nos destinos da humanidade!

Foste tu, que realçando as graças naturaes da mulher de Menelau a gentil Helena, incendias-te o coração de Páris e causaste a guerra de Troia: foste ainda tu, que reduziste Hercules o destrui.

dor do leão de Neméa e da hydra de Lerna, a fiar massarocas junto da rainha Omphales, como qual quer mulherengo. Sob tuas inspirações, a bôa Esther, successora de Vasthi farpou o coração de Assuero; Aspasia seduzio Péricles e fez as delicias de Athenas. Por tua causa, a formosa Cleopatra fez esquecer a António a bondosa Octavia e arrastou a fatal batalha de Accio. Finalmente foste ainda tu que fizeste baquear o throno do rei godo D. Rodrigo, que transformaste a pobre escrava de Mariemburgo, a interessante Catharina em poderosa imperatriz da Russia, que elevaste as d'Estrées, as la Vallière, as Maintenon, as Montespan e Dubarry ás cathogorias mais altas, ás honras mais subidas.... O' espelho! o que seria sem ti a mulher? — uma flôr murcha e sem aroma; uma belleza mutilada. Imaginai uma mulher favorecida dos dotes da natureza, mas que se não soccorra aos recursos da arte, isto é, que muito embora tenha lindos cabellos, mas que os não traga bem penteados, á falta de espelho, que lhe indique as fibras arripiadas; que tenha optimos dentes mas não areados; a tez mui delicada, mas manchada, porque quando se lavou não teve quem lhe espelhasse essas manchas; olhos mui ternos e bonitos mas algum tanto remelosos nas extremidades; dissei-me depois de tudo isto, poderia uma tal mulher impressionar-vos? —

O' espelho! que condão maravilhoso é o teu, como inflnes poderosamente nos destinos da humanidade!!!

Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1857.

MACIEL DO AMARAL.

A Filha d'Oconnor

OU A FLOR DO SANGUE.

POR T. CAMPBELL.

(Continuação.)

VI

Filha de Oconnor, eu era um dos mais nobres ramos do glorioso tronco d'Eriu. Desgraça áquelles que tingirão de sangue o tecido da minha vida! Agora mesmo quando aperto a cabeça que me arde em febre, uma scena de morte se apresenta a meus olhos. Parece-me ver de continuo o combate terrivel que decidio da minha sorte; crecio estar ainda nessa horrosa noute em que

meus irmãos, acabrunhando Moran com seu desprezo, ousarão exprobar-lhe um nascimento obscuro, ordenando-lhe que procurasse uma esposa em alguma casa menos nobre e orgulhosa que a delles. Os cantos nacionaes, dizião, celebravão os feitos de seus avós; as honras, o poder se tinha accumulado sobre sua raça, e elle, o meu amante, trazia um escudo menos celebre.

VII

Ah! meus irmãos, que importa ao amor que vossas armas ateste os gloriosos triumphos que haveis alcançado sobre os Ingleses, que tantos barões sigão vossa bandeira, e que os fogos de Maio sejam ateados por vossos vassallos em tantas colinas? Sim, sois senhores de altas torres, de fortes castellos desde Shannou até ao mar do norte, mas não penseis com tudo isto despedaçar sob vossas mãos de ferro o nó que amor ha formado. A aguia perderá a plumagem, o prado a verdura porém que eu destrua, ou tente destruir a cadêa que tão estreitamente prende o seu ao meu coração, jámais!

VIII

A essa hora solemne da noute em que a ovelha, voltando do pasto, interrompe com seus balidos o silencio dos campos, a essa hora assim canta o meu Moran: Vem, querida, uma barca nos espera, na margem opposta acharemos cavallos. Vem, acompanha teu obscuro estrangeiro para longe dos castellos de Oconnor; vem que á beira dos lagos em que brincão os cisnes selvagens construiremos uma cabana. Procurarei para ti o mel, os fructos e as aves da floresta. A teu lado entoarei na harpa estes cantos que recordão o nosso amor; seremos felizes: vem pois ah! minha amada! Poderia eu ficar? Os pastores nos encaminhão, e sob um céu nebuloso segui a estrella de meu amor.

IX

O astro que precede o dia sorprehenheu-nos longe do castello d'Oconnor; aos raios incertos d'auroa viamos suas ancias desaparecerem pouco a pouco. Quanto é bello o retiro que acolhemos sobre as margem incultas e solitarias! Semelhante ao passarinho que póde escapar da prisão que mão humana lhe preparára, e livre já procura sob

o ramo das arvores o ninho querido, assim contentes embellezamos nosso asylo, tanto mais querido que é ignorado. O meu Moran sabe esperar á lança ou á flexa a caça dos bosques, e eu lhe preparo a refeição da noute. Depois a fadiga começa a revelar-se, e elle adormece em meu collo emballado pelos cantos que nosso amor me inspirou. Ai! depressa veio essa noute em que eu devia ferir meu peito e arrancar meus cabellos, essa noute funesta que não teve para mim dia seguinte!....

X

Tudo está calmo em torno de nós, é a hora do crepusculo. Eu ouvia ao longe um ruido estranho. Tranquillisa-te, me dizia Moran, é o grito da aguia sobre a montanha. Ai de mim! esses sons confusos não partião da grande ave do deserto! Os satellites d'Oconnor descobrião nossos traços. O galgo fiel estremeceu, entesando as orelhas ao segundo gritó, e em um momento vozes de maldição — assassinos apparecêrão ante nós! Poupai, poupai meu esposo! Foi em vão! O que póde conter o furor da serpente ao lançar-se sobre sua presa?! Em vão pretendi proteger o meu amante com um longo e apertado abraço, os punhaes dos assassinos nada respeitárão, e a espada de um lançou por terra o guerreiro desarmado! Outra ferida, outra ainda, e todas por mãos fraternas! Moran, o meu Moran, dava em meus braços o seu ultimo suspiro, e oh dôr! o sangue que brotou de suas feridas ali ficava para attestar a sua perda!

Traduzido do Francez.

XAVIER PINTO.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Continuação.)

O RAPTO.

Nicoláo foi o primeiro que entrou no quarto. Elle tinha recuado logo ao entrar, como se o tivesse impellido alguma força estranha. Tal é o poder da virtude e da innocencia, que ainda aos mais perversos, faz constringer logo ao primeiro relance.

Christina era tão linda, que mais parecia um anjo do céo, do que creatura terrestre.

Ella estava deitada sobre o seu leito.

Sua cabeça estava reclinada sobre uma almofadinha. Seus longos cabellos, que erão negros, e lustrosos como o aseviche, omdulavão-lhe sobre o collo alabastrino.

O seu perfil era tão delicado que causaria inveja ás formosas virgens dos gregos. As fórmãs de seu corpo esbelto vião-se contornadas, pelas roupas, que não erão muito grossas, não obstante o frio, porque em todas as capitaes da Europa ha nas casas, lareiras que fazem um calor centigrado conforme se deseja.

Christina estava immovel como a bella estatua de Venus. O seu dormir era tão profundo que parecia estar morta.

Aos pés do seu leito havia outra cama onde dormia uma mulher. Sua phisionomia pallida infundia tristeza, e conhecia se que por grandes desgostos, ella arrostava uma velhice prematura.

Ella é quem tinha educado Christina, que lhe fôra entregue aos cinco annos, é quem lhe servira de amiga e mãe, pelo espaço de nove annos.

Os companheiros de Nicoláo, que entrárão no quarto, tambem ficárão sorprendidos ao ver essa virgem; cujo rosto exprimia tanta belleza, e tanta innocencia, que causava sensação.

Nicoláo, vendo que seus comparças olhavão com bastante interesse para a sua presa, rugio como um leão; e apertando com força o cabo do punhal parecia dizer-lhe: Só tu és o meu verdadeiro amigo, e fiel companheiro; e voltando-se, perguntou desabridamente:

— Então, o que se faz aqui?....

— Estamos ás vosas ordens.... responderão todos em choro.

— Pois então, quero a sege para levar daqui quanto antes esta moça....

— Sim, senhor, respondeu Diogo sahindo immediatamente.

Nicoláo era um desses homens que não conhecem pêas aos seus caprichos, engolfado em todos os vicios, desde a sua tenra idade, e nunca tendo quem lhos reprimisse; antes pelo contrario seus pais erão os primeiros a desculpar-lhos, ficou com uma vontade absoluta.

Elle pertencia a uma familia muito abastada. Seus pais erão naturaes da provincia do Alentejo; mas havia muito tempo que já estavão em Lisboa.

Ao principio tiverão relações de amizade com

os parentes de Christina ; mas depois por causa de uns terrenos demandarão muito tempo, resultando d'ahi um odio mortal, que Nicoláo Borges, pai do nosso heroe, declarou contra Juliano, pai de Christina; porque acconteceu que os tribunaes derão sentença em favor deste, foi tal a colera de Borges que desafiou Juliano para um duello de morte, este recusou ao principio, como homem prudente que era, fazendo conhecer ao adversario, que a justiça é quem dá a decisão ; mas não sendo attendido ; e antes ao contrario incitado por insultos aceitou o combate, do qual resultou ficar morto Nicoláo Borges.

Seu filho que herdára o character violento, e ainda o excedia em perversidade, jurou exterminar toda a familia de Christina.

Pouco tempo depois Juliano desapareceu, e não se soube o que foi feito delle, os seus bens tinham sido devorados pelas chammas, sendo victima dellas sua infeliz consorte !

Os seus filhos, Paulo, um delles, foi achado morto nas aguas do Tejo, sem vestigio de ter sido afogado. Jorge, que era o mais velho, tambem nunca se soube mais delle. Christina, essa foi salva do incendio, e entregue ao velho usurario, que a recebeu mediante uma pensão mensal, que era paga restrictamente. O bemfeitor ninguem conhecia.

Terião decorrido cinco minutos, quando o rodar de uma sege foi ouvido. Nicoláo que já estava impaciente, ordenou que a moça fosse conduzida para ella, e elle entrando ao mesmo tempo, disse para Diogo : Siga ao campo d Ourique, e de lá ao seu destino.

Passada uma hora a sege parou á porta de uma casa que só ao primeiro olhar infundia tristeza.

Nicoláo soltou um grito semelhante ao piar das corujas, e no mesmo instante a porta foi aberta, e duas fantasmas vierão tirar a moça da sege, e a levarão em braços para dentro da casa.

Nicoláo, vendo segura a sua victima, deixa ver essa alegria feróz, que caracteriza todo o malvado.

F. A. F. AMORIM.

(*Continúa.*)

Amelia

OU

AS VICTIMAS DE UM PERJURIO

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

I

A CHEGADA.

E' elle, é Ernesto !... brada a senhora D. Emilia, vendo entrar no corredor de sua casa um joven que acaba de apear-se, todo coberto de poeira, e com traje de viajante, seguido de um criado trazendo suas malas ; e voltando-se para dentro corre a esperal-o.

No momento porém, que ella chega ao patamar da escada, para receber o recém-chegado, já elle se lhe lança nos braços ; fazendo-se ouvir ao mesmo tempo estes dous gritos :

— Meu filho !....

— Minha mãe !....

E D. Emilia, entre exclamações de alegria, convida seu filho a entrar para a salla.

Havendo quinze mezes que não via esse filho, como que procura descobrir algumas mudanças operadas em seu rosto.

A physionomia mais triste e melancolica, a tez um pouco mais trigueira, seus bigodes negros e retorcidos, são as differenças que nelle encontra e que mais chamão a sua attenção.

— Ha quanto tempo que te não vejo, meu filho ! e como estás mudado !.... exclama ella, um tanto admirada, e assentando-se n'uma cadeira que lhe fica proxima.

— E vós, minha mãe, tambem tendes mudado alguma cousa : oh ! que uma ausencia de quinze mezes não é a do curto espaço de quinze dias, torna elle reparando nos cabellos de sua mãe que se lhe encanecerão um pouco, e nas faces que se lhe hão enrugado visivelmente.

— Minha prima ?.... pergunta elle.

A esta pergunta D. Emilia treme, respondendo porém :

— Tua prima ha quatro semanas que foi para a casa de seu pai, creio que para sua enfermeira ; pois segundo me consta tem elle passado muito mal.

— Nesse caso vou tratar de visitá-lo.
 — Não vás !
 — Então porque, minha mãe ?...
 — Talvez que a tua inesperada visita faça aggravar mais os seus incommodos.
 — Estará elle por ventura agastado commigo ?
 — Não ; pelo contrario a affeição e amizade que te consagra, o gosto e prazer que lhe provocaria tua visita temo que forme em si alguma mudança ; e por isso julgo conveniente deixar passar alguns dias mais, a ver se fica melhor ; e logo depois eu lhe mandarei participar da tua chegada.
 — Perdão, minha mãe, mas já sabeis que conclui meus estudos, e que estou por isso habilitado a acudir não só a qualquer accidente que lhe possa resultar de minha inesperada appareição, como tambem a velar á sua cabeceira até o fim de seus incommodos.

— Espero que me obedeças !...

Ernesto solta um profundo suspiro, as faces se lhe contrahem e uma pallidez mortal assoma em todo o seu rosto.

— Que tens, meu filho ?

— Nada ! minha mãe !... estou muito fatigado da viagem, necessito repousar por algum tempo.

— Sim !... meu filho, vai descansar a teu commodo, e mais tarde conversaremos á vontade....

D. Emilia, dizendo isto, acompanha Ernesto até á porta de seu quarto ; voltando depois a dar as necessarias providencias aos seus criados para que nada falte a seu filho quando desperte.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO

(Continúa.)

POESIAS.

Poesia.

Marilia, bella imagem dos meus sonhos !...
 Anjo do céo, na terra idolatrado,
 Candida virgem !... O' brilhante aurora
 Dos meus dias !... fulgir ah ! vem no espaço

Da minha alma,
 A meu peito
 Vem dar calma

Nesta vida
 Denegrida
 D'amargor !
 Não desprezes
 O cantor,
 Q'um instante
 Sem te ver,
 Delirante
 Vai morrer !

F. A. F. AMORIM.

Ultimo adeus !

I

Eu vou morrer !... Julia amiga,
 Vou te deixar só no mundo,
 Pois p'ra meu peito injucundo
 Não ha mais consolação...
 Eu vou morrer ! adeus, Julia,
 Deixo da vida a illusão !

II

Tudo é mudez e repouso,
 Tudo é silencio e tristura,
 Oh ! quanto a propria natura
 Se casa ao meu coração !
 Adeus, ó Julia, é forçoso,
 Deixo da vida a illusão !. ..

III

E' noute ! Julia querida,
 Repara neste momento
 Da lua no firmamento
 Como se offusca o clarão !
 Chamão-me as trevas, ó Julia,
 Deixo da vida a illusão !...

IV

Não chores, Julia, meu anjo,
 Roga a Deos por mim na terra,
 Vaidades que o mundo encerra
 Não chores qu'eu deixo, não !
 Se a sós te deixo na vida,
 Deixo da vida a illusão !...

V

Suspende o pranto, querida,
 Mas não risques da memoria
 Quem na vida transitoria
 Votou-te amor puro e são!
 Se, Julia amada, eu te deixo,
 Deixo da vida a illusão !....

VI

Deixo as torpezas que a terra
 Encobre no seio immundo,
 Deixo os enganos do mundo,
 Deixo do mundo a traição !
 Vive tu, Julia, qu'eu deixo,
 Deixo da vida a illusão !,...

VII

Suspende ! Julia, suspende !
 Não queiras seguir commigo ;
 Vou habitar um jazigo
 Onde não entra a ambição !
 Deixo do mundo as insidias,
 Deixo da vida a illusão !....

VIII

Fica, tu, pois, cá na terra,
 Não teimes, louca, em seguir-me,
 Vive ; mas ah ! possas firme
 Sorrir do mundo á traição !
 Conhece o mundo, qu'eu, Julia,
 Deixo da vida a illusão !....

IX

Tudo é mudez e repouso,
 Tudo é silencio e tristura ;
 Vê, Julia, como a natura
 Se casa a meu coração !
 Adeus, ó Julia, que é tempo,
 Deixo da vida a illusão !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

o canto da escrava.

Ai de mim que sou pobre africana,
 Triste escrava, meu Deos, sem ventura !
 Ai de mim que são negros os dias
 No desterro que a vida amargura !

Oh ! adeus, doces terras de Congo,
 Onde fui entre tantas ditosa ;
 Nesta terra em que vivo captiva
 Por vós sempre suspiro saudosa.

Ai, foi lá, minha terra, que a infancia
 Eu só via correr docemente !
 Pelas terras suspiro da patria
 Onde tudo gosei livremente.

Quantas vezes medito e me lembro
 Da cabana éu que a luz conheci...
 De meus pais, dos parentes e amigos,
 Sabe Deos e só Deos.... se os perdi !

Quantas vezes eu triste recorde,
 Sobre a tarde, o meu grato folguedo,
 Quando ao som do tabaque dançava
 Junto ao tronco d'altivo arvoredos !

Porém onde... onde vai esse tempo
 Q'rido tempo de meu coração,
 Que só hoje, tão lentos, se volvem
 Negros dias d'eterna paixão !

Não sei quantos verões hei contado,
 Que os invernos nem eu os contei,
 Logo apoz que assim fui captivada
 E essas terras da patria deixei !

J. F. TEIXEIRA E SOUZA.

Não quero brincar.

A L. ***

Tenho dentro de meu peito
 Mil affectos p'ra te dar ;
 Porém se tu m'os recusas
 Adeus não quero brincar.

Eu jurei por toda a vida
 Sempre firme te adorar ;
 Mas se com isto te enfado
 Eu deixo já de brincar.

Protestei em duro laço
 O meu peito ao teu ligar ;
 Porém se tu não quizeres
 Jámais eu quero brincar.

Não penso, porém, que possa
Os teus rigores me dar ;
Mas se assim o permittires
Então não quero brincar.

Deixa pois qu'estes meus labios
Possão teus labios roçar ;
Mas se inda assim recusares
Eu deixarei de brincar.

Julgo, porém, que um só beijo,
Feiticeira, has de a ceitar ;
Do contrario então, Eulina,
Nunca mais quero brincar.

Rio, 24 de Dezembro de 1856.

M. CORRÊA BRAGANÇA.

A' memoria da desditosa

M. ***

(N'UM ALBUM.)

Eras bella, linda rosa,
Tão viçosa
Sobre a haste a balouçar,
Eras bella, linda flor,
Meu amor,
Com as auras a folgar !...

Inda não desabrochada,
Embalada
Eras tu pela candura ;
Mas agora que te resta
D'uma festa ? !...
Contricção, que tanto dura !...

Os teus dias vão passando,
Vão murchando
Tuas pét'las descoradas,
No lago da desventura,
D'amargura,
São de rôjo mergulhadas !...

Amor incauta nutrias,
Não previas
D'elle os enganos fataes !...
Dormiste ?... pobre innoente !
Tristemente,
Despertaste em crebros ais !

Pela desdita orvalhada,
Profanada,
Apoz foste pelo amor ;
Agora na haste pendida,
Abatida,
Triste jazes, pobre flor !...

A brisa que te embalava,
E beijava,
Fagueira, de quando em quando,
Passa agora pressurosa,
Mui queixosa,
Tua sorte lamentando !

E o mesquinho trovador
Só na dor,
Te consagra o rude canto ;
Desejára elle olvidar-te,
Desprezar-te,
Infeliz ! não pode tanto !...

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Rio de Janeiro, 1 de Janeiro de 1857.

Escuta.

Vem cá feiticeira... vem junto a meu lado,
Pois quero ao ouvido dizer-te um segredo....
Esquiva tu foges ?... não fujas, louquinha ;
Não vejo que possa causar-te assim medo.

Tu dizes que eu falle ?... jámais se dizerem
Tão alto, meu anjo, segredos ouvi ;
Ha cousas que o mundo não deve sabel-as ;
Vem pois, queridinha, não fujas de mi.

Sorris-te ! não brinques.... se assim continuas
Então meu segredo não quero contar-te....
Escuta se queres ; são poucas palavras,
Com ellas eu julgo não hei de enfadar-te.

Alfim te chegaste.... bem hajas ! Agora
Escuta o segredo de teu trovador ;
« Eu te amo » Que vejo ?... tu foges corando !
Pois vai-te, que ao menos ouviste o melhor.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA.
Rua da Valla n. 141.